

## **INCLUSÃO ESCOLAR: ESTUDO REALIZADO COM ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA REDE PRIVADA DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE OLINDA/PE**

Márcia Rejane Almeida de Carvalho

*Universidade Nova Lisboa – ISPA Portugal*  
[marciacsh1@hotmail.com](mailto:marciacsh1@hotmail.com)

### **Introdução**

A inclusão escolar tem sido um dos temas mais polêmicos quando o assunto é educação na atualidade. O ato de inserir o estudante com NEE no ensino regular, por si só, não significa uma inclusão efetiva e genuína. A inclusão por mais justa que seja exige muita reflexão e preparo do contexto escolar.

A verdade é que a polêmica e a complexidade em torno da inclusão no Brasil nos últimos anos se justificam, haja vista envolver assuntos sociais, políticos, educacionais, medicinais, entre outros. Mas, enquanto alguns estudiosos estão discutindo sobre terminologias, às escolas estão, no mundo real, recebendo as mais diversas crianças com NE e com um fluxo cada vez maior.

Propomos aqui uma discussão que abrange uma retrospectiva sobre a inclusão, o reconhecimento de práticas pedagógicas, formação do professor e a escola inclusiva, direcionada a criança com Síndrome de Down (SD), que frequenta o Ensino Fundamental, séries iniciais, de uma escola privada do município de Olinda.

A partir do nosso convívio profissional com as crianças com Síndrome de Down, por diversos momentos, esse desafio nos pareceu tomar grandes proporções, devido à preocupação de inclusão das crianças (SD) em salas regulares. Foi justamente nesse contexto de exercício profissional que sentimos despertar um enorme interesse em relação à educação das crianças que se apresentam fora do convívio com as outras crianças das salas regulares.

Para Mantoan (2006) devemos pensar a escola inclusiva como um lugar em que todos os alunos aprendem juntos, com as mesmas oportunidades e em um ambiente enriquecido pela ampla rede de interação social. A autora acredita que é possível sim promover a inserção de alunos com SD em salas regulares, desde que se tenha a vontade para que isso aconteça. Na realidade o que se

espera é que o ambiente escolar seja sinônimo de inserção das diferenças e de potencialização dos indivíduos.

## **Metodologia**

A partir deste questionamento, definimos nossa metodologia:

Como é que os professores do ensino regular de uma escola da rede privada de Olinda promovem a inclusão de alunos com síndrome de Down? Nesse sentido definimos nossos objetivos sendo: Compreender como é que os professores do ensino regular de uma instituição da rede privada de ensino promovem a inclusão de alunos com Síndrome de Down. Em função da questão de partida e respectivos objetivos, este estudo é de natureza qualitativa. Uma das características do método qualitativo é o conhecimento do significado que as pessoas designam as coisas sendo que a perspectiva dos participantes é foco principal dessa investigação.

Neste sentido Richardson (2011) afirma que:

A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existem problemas que podem ser investigados por meio de metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa (Richardson, 2011, p.79).

O processo de chegar a uma decisão, por meio da análise e discussão individual e coletiva das informações expostas nesse nosso estudo, promove em nossa investigação o raciocínio crítico e argumentativo. Em função dessas características, acreditamos que o estudo de caso é e pode ser considerado um valioso instrumento pedagógico, em que nos desafiamos a raciocinar, argumentar, negociar e refletir, habilidades bastante demandantes do ponto de vista cognitivo e social. Utilizamos na investigação como instrumentos de trabalho a entrevista semiestruturada e a pesquisa documental.

De acordo com Richardson (2011) a entrevista:

É uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determina informações é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B (Richardson, 2011, p.207).

Visto fornecer o material necessário para uma investigação qualitativa, segundo Bardin (2011) a entrevista:

É indispensável para um trabalho qualitativo, que fornece um material verbal rico e complexo (Bardin, 2011, p. 93).

A pesquisa documental , consiste em fazer um levantamento de material necessário a nossa investigação , servindo assim como apoio para termos ainda mais informações referente ao investigado. A Pesquisa documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (Ludke e André 1986). Através da investigação sentimos necessidade de analisarmos documentos essenciais, tais como o Projeto Político Pedagógico da escola, que juntamente com a entrevista e a observação nos ofereceu informações necessárias.

Pimentel aponta:

São descritos os instrumentos e meios de realização da análise de conteúdo, apontando o percurso em que as decisões foram sendo tomadas quanto às técnicas de manuseio de documentos: desde a organização e classificação do material até a elaboração das categorias de análise (Pimentel 2001, p.179).

Participaram da investigação 4 pais que possuem seus filhos com SD matriculados na escola investigada, 4 professores que trabalham diretamente com alunos com SD e 3 coordenadores de uma escola da rede privada de ensino da cidade de Olinda/PE Brasil. A escolha do local e dos sujeitos foi intencional, na medida em que nos conhecíamos a escola e seu trabalho e buscávamos compreender como é que os professores do ensino regular de uma instituição da rede privada de ensino promovem a inclusão de alunos com Síndrome de Down.

Para o trabalho investigativo escolhemos uma escola da rede privada de ensino no município de Olinda/PE, que realiza há vários anos um trabalho inclusivo, está inserida nesta comunidade há 35 anos e junto aos seus coordenadores e professores realizam um trabalho que enfoca em sua concepção a inclusão e atividades dirigidas às crianças com SD em salas regulares o que faz com que os pais /professores/escola tenham uma ligação forte dentro do trabalho realizado, bem como trabalhar e respeitar os limites, potencialidades e aprendizagens frente a sua execução e diante das diferenças.

Os dados cruzados possibilitam uma compreensão relativamente á inclusão de alunos com SD no contexto em que este estudo se processou.

## **Resultados**

Nos resultados obtidos foi possível perceber que a forma de tratamento aos alunos com SD pela escola investigada parece-nos não muito comum, desde a forma como se dá os tratamentos entre aluno-professor, professor-equipe diretiva e aluno-aluno. Essa forma de condução das relações

está no nosso entender, diretamente vinculada à proposta da escola de ser um espaço democrático, onde o processo de aprendizagem está intimamente relacionado com o ambiente que é proporcionado, além disso, as atividades desenvolvidas foram colocadas como essencial para um melhor desenvolvimento dos alunos na questão da aprendizagem como também favorecendo a interação dos alunos nas salas regulares.

A grande preocupação da escola, detectada por nós a partir das entrevistas, é de que realmente a escola possa favorecer aos alunos com SD um lugar acolhedor e com profissionais prontos para realizar um trabalho inclusivo com eles. Como também trazer para dentro dos muros da escola os pais das crianças para que se fomente um constante debate a respeito do conhecimento a cerca da síndrome de Down e assim ampliar o trabalho já desenvolvido pela escola.

No entanto, muitas dificuldades ainda persistem e, quando isso ocorre, a escola procura apoio técnico qualificado para a resolução. É importante salientar que, no momento, todos os alunos com SD que estão frequentando a escola estão tendo atendimento paralelo em clínicas particulares.

Creditamos a nossa investigação a veracidade das relações independentemente das classes sociais envolvidas, pois ao longo da investigação, nos preocupamos muito mais com os aspectos favoráveis às interações, sejam traços de personalidade, estilos próprios de conduzir os relacionamentos sociais, o entendimento de convivência e os relacionamentos.

Salientamos também que os resultados ora mencionados fizeram-se valer para a realidade por nós investigadas. Gostaríamos de mencionar que a validação do compreender investigado oriundo da referida investigação, necessitam de investigação in lócus. Isso devido à realidade institucional e social dos sujeitos envolvidos. Mas com certeza essa compreensão relacionadas à interação e inserção das crianças com SD em salas regulares se dá de forma positiva e dinâmica e que necessita para essa interação a participação de todos os atores da escola pais/professores/equipe diretiva.

### **Considerações Finais**

A partir desta investigação foi possível perceber que as dimensões apontadas pela literatura que investiga sobre inclusão educacional, tais como as atitudes dos sujeitos envolvidos nesse estudo, reafirmam de forma natural as dificuldades na recepção e adaptação do aluno com necessidades educativas especiais a rede de ensino regular. Sentimos nessa reta final a necessidade de reforçarmos nossa visão de inclusão enquanto processo e, assim sendo, automaticamente

permeamos este processo de significados históricos que são estruturantes da nossa percepção a cerca dos fenômenos que nos rodeia. Não poderíamos nos reportar a denominação desses processos sem mencionar as palavras de Xiberras (1996):

A temática do conflito permite, em muitos casos, explicar o ponto de partida de um processo de exclusão que começa por uma derrota dos futuros excluídos que serão, pouco a pouco, rejeitados pela sua não conformidade com o modelo dos vencedores (Xiberras, 1996, p.17).

Dessa forma concluímos em parte nosso estudo, pois sabemos que tal como a inclusão, esse trabalho é também um processo, um amadurecer de ideias e que alimenta novos objetivos e interesses de investigação.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 1998. Ed. Brasília, DF.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial. Brasília, 2001.

CARVALHO, V. D. T. **Indicadores que promovem a aceitação do aluno com síndrome de Down no ensino regular**. 2002. 122f. (Dissertação de Mestrado em Educação) –

Declaração de Salamanca. Secretaria de Educação Especial. **Declaração Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e qualidade**. Trad. Edilson Alkmim da Cunha. 2ª ed. Brasília: CORDE, 1994.

DECLARAÇÃO de Jomtiem. Conferência Mundial sobre Educação para todos. Tailândia 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e Terra, 1999.

GLAT, R. **A integração social dos portadores de deficiência mental: uma reflexão**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Letras, 2004.

LUDKE, M; ANDRE, M.E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: SENAC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Inclusão Escolar**. Ed. Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Inclusão Escolar O que é? Por que? Como Fazer?** Ed. Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. **Inclusão escolar O que é? Por quê? Como fazer?** Ed. Moderna, 2006.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma- reformar o pensamento.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Família e Escola.** Rio de Janeiro: Ed Vozes, 2000.

PIMENTEL, Susana Couto. **Conviver com a Síndrome de Down em Escola Inclusiva.** São Paulo 2012.

\_\_\_\_\_. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa**, n.114, p.179-195, nov., 2001.

PUESCHEL, S. **Síndrome de Down Guia para Pais e Educadores.** São Paulo, Ed. Papyrus. Edição, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social Métodos e Técnicas.** São Paulo: Ed Atlas, 2011.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 4ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

SANCHES, Isabel Rodrigues. **Em busca de Indicadores de Educação Inclusiva.** Coleção Ciências da Educação. 1ª edição Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa, 2011.

\_\_\_\_\_. Do “aprender para fazer” ao “aprender fazendo!": as práticas de Educação inclusiva na escola. **Revista Lusófona de Educação**, 19,135-156, 2011.

SILVA, Maria Odete Emygdio. **Gestão das Aprendizagens na sala de aula inclusiva.** Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa, 2011.

UNESCO. **Declaração Mundial de Educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas da aprendizagem.** 1990.

\_\_\_\_\_. **Relatório Mundial sobre Educação: O direito á Educação.** Porto: Edições ASA S.A, 2000.

VYGOTSSKY, L.V. **Pensamento e Linguagem.** 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Formação social da mente: o Desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6ª edição São Paulo: Martins Fontes 1998.

VOIVODIC, Maria Antonieta. **Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down.** Rio de Janeiro. Ed Vozes, 2004.

XIBERRAS, Martine: **As Teorias da Exclusão:** Instituto Piaget, 1996.